

A Cruz Diminuiu ou a Força Aumentou?

Série Visão Ministerial – Estudo VII



Decidi escrever esta matéria impulsionado, não apenas pela forma como recebemos essa mensagem de Deus, mas também por se tratar de uma daquelas experiências de fé que nos mostram como, muitas vezes, a nossa maneira de pensar e encarar a obra de Deus se posiciona na contramão do seu modo de agir e operar.

"Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor.

Porque, assim como o céu é mais alto do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos" (Isaías 55:8,9).

A pergunta que usei como título, me veio ao coração em meio a ministração da Palavra à igreja, cujo teor pretendo expor aqui.

Praticamente, todo mundo já cedeu alguma vez ao costume de justificar tarefas, obras ou feitos imperfeitos ou inconclusos, argumentando estar vivendo sob agitação e correria.

A bem da verdade, muitas vezes, não passa de um jargão que, de algum modo, parece satisfazer a necessidade de se demonstrar ou parecer demonstrar algum interesse pelo assunto ou por alguém em uma conversa.

Entretanto, não são poucas as vezes em que as pessoas deixam, ou esquecem de fazer, ou cumprir, compromissos importantes, tendo depois, que se sujeitar às consequências, como privações e tensões que poderiam ter evitado.

Neste contexto, quero incluir a obra de Deus e a constante falta de entendimento que a sociedade atual tem com relação a Sua vontade, pois, estando mergulhados numa sistemática busca por uma vida mais prática, o homem moderno não tem conseguido se ater a pequenos, mas às vezes, muito importantes detalhes da sua existência.

Esta sistemática, entretanto, se mostra ainda mais nociva e degenerativa quando se aninha nos hábitos dos cristãos, pois a vida prática busca, cada vez mais, reduzir o preço a ser pago pelo conforto ou pela conquista dos bens materiais.

É um estilo de vida onde a palavra renúncia, como também as palavras sacrifício e sujeição, está praticamente excluída.

Desse modo é que, em certo aspecto, o cristão acaba se sentindo como uma criatura semelhante a um anfíbio, vivendo em dois *habitats* distintos simultaneamente: o material e o espiritual.

Essa aparente dupla identidade é a principal razão da luta milenar entre a carne e o espírito, a qual desafia os servos de Deus a discernirem por quais meios devem ajuizar as coisas que acontecem ao seu redor.

Assim, chegamos ao ponto da pergunta tema deste artigo.

Uma das grandes realidades da vida cristã, a do dever de levarmos nossa cruz, está muito vulgarizada hoje em dia.

Se tornou comum vermos pessoas chamando de "cruz" certas coisas, certas pessoas e até a sua própria limitação pessoal, em reação a intensidade de tarefas e de exigências que o sistema de vida moderno lhes tem requerido para conquistar ou se manter em um nível de vida relativamente satisfatório.

Contudo, a Palavra de Deus, que não muda, traz registradas estas palavras de Jesus: *“Então disse Jesus aos seus discípulos: Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz, e siga-me”* (Mateus 16:24).

Não vou argumentar aqui a teologia da cruz, a qual sofre diferenças de opinião, em certos detalhes, entre alguns estudiosos, mas quero focar a dificuldade e o desafio da cruz para o cristão.

Vou simplificar o “levar a cruz” com o “siga-me” de Jesus, pois entendo que, acima dos detalhes, de um modo geral, levar a cruz não é mais do que o “preço” de seguirmos a Jesus ao mesmo tempo em que temos de apresentar resultados aceitáveis nos diferentes aspectos da vida material, e tudo da maneira mais harmoniosa possível.

Tudo bem se até aqui consegui fazer o amado leitor concordar comigo, mas devo apresentar uma ressalva para este assunto lembrando que a harmonia entre a vida material e a espiritual não é algo que possa ser classificado como fácil.

Na Bíblia, encontramos pessoas solicitando encarecidamente... *“Aumenta-nos a fé”* (Lucas 17:5b), enquanto, hoje em dia, a maioria de nós considera a dificuldade da caminhada cristã como consequência direta do peso da cruz, o que, de algum modo nos leva, erroneamente, a considerar o peso da cruz como sendo o ponto onde Deus precisa agir em nosso favor.

Meditemos na seguinte passagem:

“O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para pregar boas-novas aos mansos; enviou-me a restaurar os contritos de coração, a proclamar liberdade aos cativos, e a abertura de prisão aos presos” (Isaías 61:1).

Aqui faço uma pergunta: Há nesta passagem bíblica algum indício de disposição divina em diminuir a cruz de alguém?

Ora, dependendo de como nos aculturamos, ou fomos ensinados no evangelho, pode parecer que sim, mas se o aliviar do servo consistisse em diminuir seu fardo, não estranharíamos as palavras de Jesus quando diz...

“Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve.” (Mateus 11:29, 30)?

Ora, se o fardo é leve, então, por que nos vemos, muitas vezes, prestes a pedir em oração que o Senhor o diminua?

A resposta é simples e lógica.

Sempre esquecemos de considerar as nossas necessidades a partir da ótica de Deus.

Por isso, acredito que as nossas orações, muitas vezes, têm suas respostas preteridas ou negativas.

Indo direto ao ponto, **Deus não diminui a cruz de ninguém! Ele alivia o sofrimento e a agonia de seus servos aumentando-lhes a força, ou seja, aumentando o Seu poder ativo neles!**

O entendimento da dinâmica de Deus é fundamental, pois estabelece um ponto de vista correto no trato das nossas piores batalhas e necessidades.

Quantas vezes estivemos orando errado e, talvez, seja por isso mesmo que dependemos tanto do Espírito Santo, até para interpretar nossas orações!

“Do mesmo modo também o Espírito nos ajuda na fraqueza; porque não sabemos o que devemos pedir como convém, mas o Espírito mesmo intercede por nós com gemidos inexprimíveis” (Romanos 8:26).

Diante disso, seria possível imaginar quantas vezes poderíamos ter forçado o Espírito Santo a comparecer diante de Deus dizendo algo como... *“Senhor, o que na verdade ele(a) está pedindo é...”*?

Mas, retomando o ponto central, consideremos mais um detalhe.

Por que, então, sentimos tantas vezes o fardo pesado e enfadonho?

O que, de fato, acontece nessas ocasiões?

Penso que a ótica do Senhor aparece respondendo estas questões em passagens como esta...

“Finalmente, fortaleci-vos no Senhor e na força do seu poder” (Efésios 6:10).

Vemos na Bíblia toda o Senhor incentivando os seus servos a se fortalecerem, a se santificarem, a se resguardarem, a se amarem, a se absterem do mal, a se aproximarem de Deus e a perseverarem na fé, sempre trabalhando no ponto de vista do crescimento e fortalecimento dos seus servos.

Espero ter podido mostrar que, mesmo nas circunstâncias em que a ação de Deus se dê na remoção da doença, na provisão do emprego ou do pão, ou na repreensão do perverso e opressor de nossas vidas ou na dádiva de um objeto ou graça, o principal objetivo de Deus sempre foi o nosso enrijecimento espiritual, com o fim de nos tornarmos eficazes no testemunho do seu poder e, conseqüentemente, em bons ganhadores de almas.

Portanto, qualquer que seja a dificuldade, devemos orar sempre ao Senhor, mas saibamos que, dependendo do que visamos, seja a nossa dificuldade ou a nossa força em Deus, a nossa oração poderá ser bastante diferente, tanto nos seus argumentos quanto nas suas respostas.

Então, quando sentirmos alívio após alguma situação de desafio, lembremos que não foi a cruz que foi diminuída mas foi a nossa força e o poder de Deus em nós que aumentou!

Pr. Carlos V. Ricas

Gravura: shutterstock.com - 776086888

1ª edição: mai.2001

Última revisão: 05.set.21

. O conteúdo deste material pode ser compartilhado e divulgado livremente, desde que mencionada a fonte.

. Outros estudos e materiais de pesquisa do Pr Carlos Ricas, podem ser encontrados em seu website:

<http://www.temasbiblicos.com.br>